

# Sertões 2021: Ao vivo onde não há conexão

Equipe LiveSports encarou o desafio de fazer a primeira cobertura *in loco*, em tempo real, do maior rally crosscountry da América Latina

Por Carla Gomes



Produção com mochilink/foto: LiveSports



Carla Gomes foi a coordenadora das equipes da LiveSports no Sertões



Foto: Gustavo Epitáfio/Sertões

Não era um desafio simples. Levar ao ar o Sertões, maior *rally crosscountry* da América Latina, em quatro programas diários, ao vivo, *in loco*. Dez etapas em cidades diferentes, com deslocamento entre 300 e 500 quilômetros por dia, em estradas sinuosas, esburacadas, cheias de animais. Em 28 edições anteriores, ninguém havia tentado. Fomos lá para isso.

Tinha o prazo apertado: toda ideia surgiu menos de dois meses antes do evento. A produção efetiva teve início a 15 dias do embarque. Tinha o orçamento curto, como todos, nesse momento de crise. Passagens com preços acima da média, carros hiperconcorridos, hotéis escassos, em cidades sem apelo turístico...Tinha a pandemia de Covid19 ainda em curso, impondo regras e restrições. Todos foram testados, máscaras eram obrigatórias, levamos microfones e fones individuais...

Mas, acima de tudo, tinha a dificuldade de garantir a qualidade do sinal de transmissão. O plano era ambicioso: subir até três links simultâneos em pontos diferentes da prova. Alguns, em cidades médias, como Petrolina, em Pernambuco, e São Raimundo Nonato, no Piauí. Outros, em cidades pequenas, como Araripina e Delmiro Gouveia, em Alagoas. Outros em povoados. Já

ouviu falar em de São Lourenço do Piauí? Pois teve link lá. E em Lagoa das Vacas, Belém do Piauí, Paulistana, Chácara Azul...

A solução teria que se adaptar à realidade de cada local. Em algumas Vilas Sertões, poderíamos usar fibra ótica para garantir um *streaming* de qualidade, deixando o 4G dos celulares para retorno e comunicação com os fechadores, que ficaram na sede da LiveSports, em São Paulo.

Em outros pontos o 4G/3G do transmissor teria que dar conta do *upload*, com retorno apenas de áudio, para não congestionar a banda. A internet dos celulares ficaria prejudicada, mas ainda seria suficiente para os apresentadores terem em mãos o roteiro e algumas telas, já que o retorno de vídeo não seria possível. E em outros pontos não teríamos nem sinal de celular para comunicação. Nesses teríamos que contar com a antena, **banda Ku** para obter o sinal e ter assim um ponto de conexão de internet para viabilizar o *streaming* do programa ao vivo, já que todo o tráfego de vídeo era feito via internet. Podíamos ter um ponto de internet vindo da antena e daí o LiveU utilizava esta conexão e enviava o sinal para a Central Técnica da LiveSports em São Paulo.

## Equipe e Equipamentos

Embarcamos rumo ao Rio Grande do Norte, saindo do Rio de Janeiro e São Paulo. Três repórteres, dois apresentadores, um operador de drone e três cinegrafistas. Cada um com uma mala pessoal e equipamentos: três câmeras (Sony Nx5), três tripés, três mochilinks (um Live-U LU600 e dois Live-U LU800), dois drones (Phantom 4 Pro), sete microfones personalizados. Em Natal nos encontramos com o restante do time, uma produtora e dois motoristas. Uma equipe seguiu sem piloto, não caberia no carro nem no orçamento.

Locamos cinco kits de iluminação e duas caminhonetes grandes - único modelo que comporta o peso e as estradas do Sertões. Retiramos ainda o cenário, comprado à distância: três banners de 2x1 metros, quatro banquetas, uma tenda 3x3 metros, e rumamos para Tibau do Sul (RN).

## O Desafio Logístico

O dia amanhece na bela Praia de Pipa, mas algumas nuvens no céu acendem o sinal de alerta. Trinta minutos antes do programa de estreia, vem a chuva. Corre! Encontra abrigo, monta luz, muda o fundo, sobe sinal. Ufa!! O Live-U segura sozinho. A antena não estava montada ainda. É o dia do Prólogo, que começa e termina na mesma cidade. O mais simples, do ponto de vista logístico.

Na primeira etapa o Sertões sai de Tibau do Sul em direção a Patos, na Paraíba. O deslocamento de 415 quilômetros é só parte do problema. Começa o quebra-cabeça das equipes, que seguiria pelos próximos dez dias.

A “equipe 1” era a responsável pelos dois maiores programas de cada dia, ambos com uma hora de duração: Acorda Sertões (8h às 9h) e Luar do Sertões (20h às 21h). O time composto por Helena Calil, Gabriel Moojen, Fábio Lonardi e eu, Carla Gomes, estava quase sempre no lugar com melhor estrutura: a Vila Sertões ou um ponto turístico da cidade-sede do dia.



Foto: LiveSports



Equipe na Serra da Canastra, São Raimundo Nonato (PI)/Foto: LiveSports



Programa ao vivo durante a noite/ Foto: LiveSports

Saíamos do hotel no máximo às 6h, percorríamos poucos quilômetros, montávamos cenário, subíamos sinal. Subiu? Ótimo! Passa o roteiro com São Paulo e roda vinheta. Terminado o programa, desmontávamos tudo e caíamos na estrada. Prevenidos, claro, com água e petiscos - mesmo quando havia tempo para almoço, não encontrávamos restaurante aberto às 15h por aquelas estradas.

Chegávamos na cidade seguinte, deixávamos malas no hotel e seguíamos para a Vila Sertões, QG do rali em cada cidade. Tem um bom fundo para o programa? Ótimo! Não tem? Monta banner, sobe em um caminhão, usa a iluminação dos mecânicos para dar profundidade...

A “equipe 2” geralmente era responsável pelas largadas. O que significava sair do hotel por volta das 4h. Sim, porque a largada do Sertões começa às 7h e nunca é dentro da cidade, há sempre algumas dezenas de quilômetros de terra no caminho. Suzi Martins, Marcus Vinícius e Mauro Gagliardi conheceram os povoados de Santa Cruz, no Rio Grande do Norte, Goiabeiras, na Paraíba, e fizeram até amigos em Jacobina do Piauí. Eles chegavam ao ponto de largada da Especial (o trecho cronometrado do rali) por volta das 6h e normalmente testavam subir sinal só com o *mochilink*. Mas, via de regra, a qualidade da conexão 3G não era suficiente. A equipe da **HughesNet/Go2neXt** (ver a seguir) vinha logo atrás carregando as antenas, que cresciam de importância à medida em que nos distanciávamos do litoral. Monta antena KA (menor, mais prática). Funcionou? Ótimo! Não

funcionou? Monta a KU, com seu 1,80 metro de diâmetro. Funcionou? Ótimo! Sobe o sinal e não se mexe mais – vai tirar uma antena dessa do lugar...

Suzi ancorava diariamente o “Acorda Sertões” e acompanhava as largadas de todas as categorias até o “Levanta Poeira” (12h às 12h15). Acabou? Fecha e gera boletins ali mesmo, na estrada de terra. Desmonta tudo e segue para o deslocamento mais longo, até a próxima cidade-sede.

A “equipe 3” também deixava o hotel por volta das 6h. Encarava direto o deslocamento mais longo até a chegada do trecho Especial – em algum ponto remoto, antes da próxima cidade-sede. Quando possível, entrava no link do “Levanta Poeira” (12h às 12h15), já que as motos, ligeiras, já estavam pela chegada a essa hora. Ancorava de lá o programa ‘Baixa Poeira’ (16h às 16h15) e fechava boletins com o resumo dos resultados do dia. Gerava tudo antes de sair do lugar. Se tem sinal há que aproveitar.

Tiago Brant, Fábio André e Milka Moura foram os que mais testaram maneiras de subir um *streaming*. O sinal 3G foi incrivelmente constante em povoados como Juá, em Bonfim do Piauí, além das Vilas em Araripina e Patos, onde chegaram em tempo de participar do link do “Luar do Sertões”. Mas a antena KU foi a única forma de comunicação em Ponte Dágua, entre Cajui e Sento Sé, na Bahia, e Riacho Seco, perto ali do Rio São Francisco, em Alagoas.